



# 16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: "40 anos da "Virada" do Serviço Social"

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

---

Eixo: Política social e Serviço Social.

Sub-eixo: Ênfase em Educação.

## A IMPORTÂNCIA DA INTERSETORIALIDADE ENTRE SAÚDE E EDUCAÇÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Débora Cristina Lopes Santos<sup>1</sup>

Kátia da Silva Matias<sup>2</sup>

Maria Regina de Paula Fagundes Netto<sup>3</sup>

**Resumo:** Relato de uma experiência do projeto de extensão "Ocupando os Espaços e Construindo o Amanhã", da Faculdade de Serviço Social/UFJF/MG, junto ao Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família HU/UFJF. O objetivo é discutir questões relacionadas ao cotidiano dos adolescentes a partir da experiência destes em seus respectivos territórios e nas suas relações com o mundo.

**Palavras-chave:** Intersectorialidade; Extensão; Educação em Saúde; Desigualdades; Questão Social.

**Abstract:** Report of an experience of the extension project "Occupying the Spaces and Building Tomorrow", of the Faculty of Social Work / UFJF / MG, next to the Program of Multiprofessional Residency in Family Health HU / UFJF. The objective is to discuss issues related to adolescents' daily lives based on their experience in their respective territories and in their relations with the world.

**Keywords:** Intersectoriality; Extension; Health education; Inequalities; Social issues.

O projeto de extensão "Ocupando os Espaços e Construindo o Amanhã", da Faculdade de Serviço Social/UFJF, junto à Residência Multiprofissional em Saúde da Família HU/UFJF e Estratégia Saúde da Família na Unidade Básica de Saúde Parque Guarani em Juiz de Fora (MG), desenvolve-se em uma escola da rede municipal no território onde a residência encontra-se inserida.

Na Constituição Federal de 1988, o direito à saúde foi inserido no título destinado à ordem social, que tem como objetivo o bem-estar e a justiça social. No seu Art. 6º, estabelece como direitos sociais fundamentais a educação, a saúde, o trabalho, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância. Já no Art. 196, reconhece a saúde como direito de todos e dever do Estado, garantido mediante às políticas sociais e econômicas

---

<sup>1</sup> Estudante de Pós-Graduação. Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: <deboracristinalopessantos@gmail.com>.

<sup>2</sup> Estudante de Pós-Graduação. Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: <deboracristinalopessantos@gmail.com>.

<sup>3</sup> Profissional de Serviço Social. Secretaria Estadual de Saúde. E-mail: <deboracristinalopessantos@gmail.com>.

que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação.

A Atenção Primária em Saúde (APS) torna-se ação essencial na prestação do cuidado e, dentre as atividades a serem desenvolvidas no território onde se encontram inseridas, são as atividades sócio-educativas, trabalhadas por meio de oficinas artísticas, a qual podem contribuir para a formação de cidadãos mais conscientes acerca dos elementos culturais, sociais, políticos e econômicos que estruturam, hoje, a nossa sociedade. Assim, ao considerar as necessidades dos usuários frente às suas especificidades loco regionais, a Estratégia Saúde da Família (ESF) tem sido um dos espaços com potencial à realização de oficinas com jovens e adolescentes em escola pública.

A Política Nacional de Promoção de Saúde (PNPS) (Brasil, 2010) destacou a necessidade de fortalecimento do SUS com a promoção da saúde com ações intersetoriais, relacionada à qualidade de vida.

De acordo com a PNAB (2017) – Política Nacional de Atenção Básica, as UBS devem organizar seu processo de trabalho a partir de problemas, demandas e necessidades de saúde de pessoas e grupos sociais em seus territórios. Para tanto, faz-se necessário o compartilhamento de saberes, práticas intersetoriais e de gestão do cuidado em rede e a realização de educação permanente e gestão de coletivos nos territórios sob responsabilidade destas equipes.

A intersetorialidade é a articulação entre sujeitos de setores diversos, com diferentes saberes e poderes com vistas a enfrentar problemas complexos. No campo da saúde, pode ser entendida como uma forma articulada de trabalho que pretende superar a fragmentação do conhecimento e das estruturas sociais para produzir efeitos mais significativos na saúde da população. Mais do que um conceito, é uma prática social que vem sendo construída a partir da insatisfação com as respostas do setor saúde perante os problemas complexos do mundo moderno (Feuerwerker e Costa, 2000). Nessa perspectiva, as ações intersetoriais têm se mostrado como uma estratégia importante na busca de novos modelos organizacionais e pode ser entendida como uma articulação de saberes e experiências no planejamento, realização e avaliação de políticas, programas e projetos dirigidos a comunidades e a grupos populacionais específicos, num dado espaço geográfico, com o objetivo de atender as suas necessidades e expectativas de forma sinérgica e integral (Junqueira, R., 2000).

A partir de uma parceria construída entre a saúde (UBS) com a educação (direção da Escola), foi selecionada a turma com perfil para o desenvolvimento

das atividades propostas pelo projeto “Ocupando os Espaços e Construindo o Amanhã”.

A turma selecionada é composta por 27 educandos que participaram das oficinas presentes nas aulas. As oficinas foram realizadas quinzenalmente, nas quartas-feiras, com duração de 50 minutos.

Realizamos, até o momento, 5 oficinas. A última será destinada à avaliação e produção artística dos alunos participantes. As oficinas foram coordenadas pelas duas residentes inseridas no programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família, com o suporte (preparação de material para as dinâmicas) das duas bolsistas e contamos ainda com a supervisão da professora fundadora do projeto.

Utilizamos, ao longo do processo, filmes, músicas, poesias, e outras formas de expressão artística para provocar e problematizar as discussões. Dessa forma, o projeto propõe e almeja contribuir com a formação de cidadãos mais conscientes e críticos com relação a questões culturais, políticas, sociais e econômicas.

A primeira oficina ocorreu no mês de abril, seu objetivo foi mostrar o objetivo do projeto, apresentar as integrantes do mesmo e saber dos alunos quais seriam suas expectativas com relação às oficinas e, principalmente, recolher de forma sigilosa os temas que eles tinham como interesse discutir.

Os temas sugeridos pelos alunos foram: racismo; escravidão; pobreza; mercado de trabalho; desigualdades sociais; discriminação e preconceito; sexualidade; questão de gênero; doenças sexualmente transmissíveis; depressão; bullying e crise existencial; educação pública e profissões.

Ainda na primeira oficina, levantamos a discussão sobre privilégios, meritocracia e oportunidades. Nela organizamos a sala de aula em forma de círculo e colocamos na ponta do círculo uma mesa com uma caixa, entregamos bolinhas de papel para cada aluno e orientamos que, um por vez, jogassem a bolinha, objetivando jogá-la dentro da caixa, acertar o alvo. É sabido que os que estavam mais perto da caixa acertaram com facilidade, enquanto os que estavam longe da caixa erraram o alvo ou acertaram com muita dificuldade.

A reação dos alunos foi surpreendente. Eles ficaram revoltados, questionaram como as oportunidades colocadas para acertar o alvo foram

desiguais. Nesse momento, problematizamos acerca das desigualdades sociais, destacamos que essas são aprofundadas por sociedades cujo modo de produção é capitalista, onde aquilo que é construído socialmente é privadamente apropriado por poucos.

Marx e Engels (2008) irão dizer que, na sociedade capitalista, há um acirramento das contradições e do antagonismo de classe, ou seja, a sociedade capitalista se divide em duas classes antagônicas fundamentais, naqueles que detêm os meios de produção e os que detêm apenas a sua força de trabalho para ser vendida ao capital: de um lado, os burgueses; de outro, a classe trabalhadora – ou, como chamam Marx e Engels (2008), os proletários. Como colocam:

A moderna sociedade burguesa, que surgiu do declínio da sociedade feudal, não aboliu as contradições de classe. Ela apenas colocou novas classes, novas condições de opressão e novas formas de luta no lugar das antigas. Nossa época – a época da burguesia – caracteriza-se, contudo, por ter simplificado os antagonismos de classe. Toda a sociedade se divide, cada vez mais, em dois grandes campos inimigos, em duas grandes classes diretamente opostas: a burguesia e o proletariado (MARX; ENGELS, 2008, p. 9).

Falamos também sobre a meritocracia, que impõe o discurso de que tem sucesso aquele que se esforça e desconsidera os obstáculos colocados socialmente para determinados grupos da sociedade, desconsidera o privilégio que alguns têm e, também, as desigualdades estruturais históricas colocadas pela sociabilidade burguesa.

Halsenbalg (2005) apresenta que, dentro do modo de produção capitalista, há uma defesa de um princípio baseado no mérito individual, em que se coloca que há uma igualdade de oportunidades entre os indivíduos e que a estrutura de classes e a posição que ocupamos decorrem da forma como absorvemos essas oportunidades, aparentemente colocadas para todos os sujeitos. Em outras palavras, é negado que a posição que ocupamos dentro da estrutura de classes advém da exploração da força de trabalho de uma minoria, que detém os meios de produção sobre a maioria da população. O autor acrescenta ainda que os aparelhos como família, religião e o sistema escolar contribuem em tal processo. Segundo Hasenbalg (2005, p. 113):

Sob o rótulo legitimador de igualdade de oportunidades, imputada principalmente ao funcionamento do sistema educacional, os processos acima mencionados reproduzem a divisão social do trabalho de uma maneira que

disfarça o grau em que as posições de classe são transmitidas de geração em geração.

Almeida (2018) problematizada que negros e negras são, a todo tempo, culpabilizados pelo não sucesso. A questão da meritocracia faz com que a pobreza, o desemprego e a baixa escolaridade sejam entendidas como falta de mérito dos indivíduos e aponta que, no Brasil, a negação do racismo e a ideologia da democracia racial são sustentados pelo discurso da meritocracia.

Em um país desigual como o Brasil, a meritocracia avaliza a desigualdade, a miséria e a violência, pois dificulta a tomada de posições políticas efetivas contra a discriminação racial, especialmente por parte do poder estatal. No contexto brasileiro o discurso da meritocracia é altamente racista, vez que promove a conformação ideológica dos indivíduos com a desigualdade racial. (ALMEIDA, 2018, p. 63).

No segundo encontro, falamos sobre a sociedade capitalista e sobre a estrutura de classes sociais. Esclarecemos que, nesta sociedade, existem duas classes principais/fundamentais, sendo estas a burguesia e o proletariado. Explicamos que a burguesia é a classe dominante, que mantém hegemonia na sociedade, por isso, seu modo de viver e ver mundo é hegemônico, ou seja, dá o direcionamento à sociedade. Logo, práticas preconceituosas e pensamentos conservadores são hegemônicos na nossa sociedade. As classes subalternas acabam por incorporar em suas vidas essa falsa consciência advinda da classe dominante, pois esta última dá o direcionamento à sociedade por ser a classe também ideologicamente dominante.

As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante. A classe que tem à sua disposição os meios da produção material dispõe também dos meios da produção espiritual, de modo que a ela estão submetidos aproximadamente ao mesmo tempo os pensamentos daqueles aos quais faltam os meios da produção espiritual. As ideias dominantes não são nada mais do que a expressão ideal das relações materiais dominantes, são as relações materiais dominantes apreendidas como ideias; portanto, são a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante, são as ideias de sua dominação (MARX; ENGELS, 2007, p. 47).

Neste encontro utilizamos da dinâmica do “Leão, Raposa e Rato” para simbolizar a estrutura desigual do modo de produção capitalista. Na dinâmica, apenas uma pessoa foi o leão, três outras pessoas foram raposas e o restante da turma representou ratos. Colocamos na mesa guloseimas, como balas, chocolates e etc., e orientamos que o leão poderia se servir à vontade e assim ele fez: pegou a maior parte das guloseimas e as melhores que tinham. Na vez

das raposas, elas pegaram o restante dos doces, e para os ratos não sobrou nada.

[...] duas espécies bem diferentes de possuidores de mercadorias: de um lado, possuidores de dinheiro, meios de produção e meios de subsistência, que se propõem a valorizar a soma – valor – que possuem mediante compra de força de trabalho alheia; de outro, trabalhadores livres, vendedores da própria força de trabalho e, portanto, vendedores de trabalho. Trabalhadores livres no duplo sentido, porque não pertencem diretamente aos meios de produção, como os escravos, os servos e etc., nem os meios de produção lhes pertencem, como por exemplo, o camponês economicamente autônomo etc., estando, pelo contrário, livres, soltos e desprovidos deles. Com essa polarização do mercado estão dadas as condições fundamentais da produção capitalista. [...trata-se do] processo de separação do trabalhador da propriedade das condições de seu trabalho, um processo que transforma, por um lado, os meios sociais de subsistência e de produção em capital, por outro os produtores diretos em trabalhadores assalariados (MARX, 1984, apud NETTO; BRAZ, 2012, p. 99).

Os alunos ficaram revoltados, chateados, inconformados, reclamaram muito. A partir de então, nós problematizamos que, assim como a dinâmica foi injusta, também é a sociedade em que vivemos. O leão foi simbolizado pelos grandes capitalistas, pelas instituições bancárias, pelos poderosos da sociedade; as raposas simbolizaram a classe média, que, em sua maioria, não tem consciência de classe, não se reconhece enquanto classe trabalhadora, embora também viva do trabalho, venda sua força de trabalho em troca de salário, partilhe e internalize a ideologia burguesa e defenda o seu discurso como se fossem pertencentes à burguesia. Por fim, os ratos eram os representantes da classe trabalhadora, a classe que vive do trabalho, nos termos de Ricardo Antunes (2000), que utiliza dessa terminologia para apresentar a classe trabalhadora em seus diversos vínculos de trabalho, compreendendo a precariedade do mundo do trabalho.

De acordo com Antunes (2000), a classe trabalhadora se encontra fragmentada, heterogeneizada e complexificada devido ao desemprego estrutural dentro do modo de produção capitalista e a competição que este modo de produção impõe aos sujeitos. Esse processo desencadeia, em um mercado que oferece postos de trabalho precários, perpassados pela informalidade, leis trabalhistas frágeis e constante retirada de direitos conquistados através da luta por parte da classe trabalhadora.

Problematizamos também sobre as desigualdades de gênero, sobre desigualdades raciais, sobre tráfico de drogas, sobre desemprego estrutural, sobre a história da escravidão no Brasil e sobre racismo. Compilamos grande parte das desigualdades neste encontro.

Com relação ao desemprego, problematizamos com os alunos sobre a falta de igualdade de oportunidades, colocamos também que o desemprego estrutural serve ao modo de produção capitalista, de forma que os salários são tensionados para baixo e a competição entre os próprios trabalhadores é acirrada.

Hasenbalg (2005) apresenta que, no capitalismo, há uma falsa ideia de que existe uma igualdade de oportunidades nos mercados de trabalho entre os indivíduos e que provoca, muitas vezes, a culpabilização pessoal do negro de sua não realização profissional. É como se fosse uma falha pessoal e não decorrente do sistema de classes e do próprio privilégio do branco na esfera produtiva. O negro, recorrentemente, não consegue compreender que esse aparente fracasso pessoal decorre da própria dinâmica da sociedade estruturada em classes sociais, no racismo e que não há oportunidades iguais para todos, muito menos posições no mercado de trabalho.

Acerca do racismo, percebemos que grande era o interesse da turma com relação ao tema. Almeida (2018) aponta que “o racismo fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para as formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea” (ALMEIDA, 2018, p.16).

Podemos dizer que o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam (ALMEIDA, 2018, p. 25).

Parte da sala de aula é negra e eles se reconheceram na nossa fala, compreenderam parte da história da formação social brasileira, entenderam porque o racismo marca tanto essa sociedade. Almeida (2018) apresenta que uma das características do racismo é a dominação de determinado grupo racial sobre o outro.

No que tange ao tráfico de drogas, a maioria da turma conhece alguém ou tem alguém na família/amigo que está, ou esteve (faleceu), envolvido no tráfico de drogas. Neste ponto, problematizamos acerca das oportunidades, acerca do genocídio da juventude negra, acerca do desemprego estrutural.

Na terceira oficina, trabalhamos com o tema sexualidade. Convidamos uma profissional enfermeira para falar brevemente sobre DSTs –

Doenças Sexualmente Transmissíveis, com ênfase no HPV<sup>4</sup>, e apresentamos a questão da diversidade sexual, sobre a diferença entre sexos, gênero e orientação sexual ou afetiva e esclarecemos sobre a sigla LGBTTTQI+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transgêneros, Transsexuais, Queer e Interssexuais). Debates também sobre gravidez na adolescência e falamos sobre a importância do uso do preservativo. Dessa vez, fizemos uma dinâmica para apresentar a importância de se proteger no ato sexual, frisamos sobre os complicadores de uma gravidez indesejada e sobre as doenças sexualmente transmissíveis.

É comum, ao falar de sexualidade, associar o termo diretamente ao sexo, mas é importante entender que sexo se refere à definição dos órgãos genitais, masculino ou feminino, ou, também, pode ser compreendido como uma relação sexual, enquanto que o conceito de sexualidade está ligado a tudo aquilo que somos capazes de sentir e expressar. Segundo o conceito da Organização Mundial de Saúde:

A sexualidade faz parte da personalidade de cada um, é uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado de outros aspectos da vida. Sexualidade não é sinônimo de coito (relação sexual) e não se limita à ocorrência ou não de orgasmo. Sexualidade é muito mais que isso, é a energia que motiva a encontrar o amor, contato e intimidade e se expressa na forma de sentir, nos movimentos das pessoas, e como estas tocam e são tocadas. A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e, portanto a saúde física e mental. Se saúde é um direito humano fundamental, a saúde sexual também deveria ser considerada um direito humano básico. (WHO TECHNICAL REPORTS SERIES, 1975)

Sobre a temática, os alunos ficaram bem tímidos, olhavam uns para os outros ansiosos, no entanto, envergonhados – reflexo de a sexualidade ainda ser um tabu, mesmo no século XXI. A questão do sexo na adolescência vive uma total incoerência por parte de alguns indivíduos. Atualmente, as pessoas conversam muito mais abertamente sobre o sexo do que antigamente, porém ainda vivemos sobre estereótipos e condutas antigas. Dessa forma, propomos para que eles escrevessem em um papel, sem identificar-se, as suas dúvidas e angústias e, logo depois, recolhemos em uma lata as perguntas, e foram muitas. Os questionamentos foram devidamente esclarecidos pelo profissional convidado da enfermagem e pelos coordenadores da oficina.

---

<sup>4</sup> (sigla em inglês para papilomavírus humano), informamos sobre a existência da vacina contra o HPV (destinada a meninas de 9-14 anos de idade e a meninos de 11-14 anos)

É importante ressaltar que os(as) adolescentes e os(as) jovens têm direito de ter acesso a informações e educação em saúde sexual e saúde reprodutiva e de ter acesso a meios e métodos que os auxiliem a evitar uma gravidez não planejada e prevenir-se contra as doenças sexualmente transmissíveis/HIV-AIDS, respeitando-se a sua liberdade de escolha (Tonelli, 2004). Apesar disso, conteúdos como direitos sexuais e reprodutivos são pouco conhecidos dos adolescentes e são de fundamental importância para se pensar na saúde sexual da população jovem (Diaz, 1999).

Nosso quarto encontro destinou-se ao debate sobre bullying, ansiedade, depressão e crise existencial, no qual fizemos a exibição do vídeo “O garoto que superou o bullying e cantou sobre isso”. Logo em seguida, levantamos algumas questões acerca do tema, a fim de fomentar discussões e reflexões sobre o mesmo. Para isso, foi utilizado um cartaz com a definição de cada tema. Realizamos uma dinâmica chamada “Linha das semelhanças”, onde o objetivo foi apresentar afirmações sobre os gostos, a vida e o cotidiano dos adolescentes que participaram do projeto, além de diferenciá-los ou aproximá-los em determinadas questões. Logo em seguida, levantamos reflexões sobre a dinâmica, levando em consideração que, embora cada participante tenha suas particularidades, em algum momento, eles irão se aproximar/se identificar uns com os outros em determinadas questões. O debate levantou questões relacionadas à solidariedade e empatia.

Ao indagarmos sobre a depressão, vários alunos relataram que já conheceram pessoas com a doença. Alguns responderam que não acham a depressão uma doença, e, conforme, o Ministério da Saúde, a depressão é uma doença psiquiátrica que afeta o emocional da pessoa, que passa a apresentar tristeza profunda, falta de apetite, de ânimo, pessimismo, baixa autoestima, sintomas que aparecem com frequência e podem combinar-se entre si. A depressão, dependendo da gravidade, pode desencadear, também, doenças cardiovasculares, como infarto, AVC e hipertensão. Ressaltamos aos alunos que a depressão necessita de tratamento e é feito com auxílio médico profissional, por meio de medicamentos e acompanhamento terapêutico conforme cada caso, salientando que o apoio da família é fundamental. Falamos também sobre a diferença entre tristeza e depressão:

A tristeza tem motivo. A pessoa sabe que está triste. A depressão é uma tristeza profunda e muitas vezes sem conteúdo, sem motivo aparente. Mesmo se algo maravilhoso acontecer ou estiver acontecendo, a pessoa continuará triste. A pessoa triste pode ter sintomas no corpo, como sentir aperto no peito, taquicardia, chorar. A pessoa deprimida tem pensamentos suicidas. Quem está triste costuma ter pensamentos repetitivos sobre a razão da tristeza. Quando deprimida, a pessoa sente, pelo menos, duas semanas de uma tristeza profunda e contínua. (MINISTÉRIO DA SAÚDE)

A penúltima oficina tratou do tema: Ensino Público e as Cotas nas Universidades Federais. Nela apresentamos a importância do ensino público, das instituições federais e os ataques à educação. Problematicamos com eles os cortes nos investimentos da área da educação protagonizados pelo atual governo, apresentamos como as Universidades Públicas constroem conhecimento, ciência, pesquisa, como as instituições cumprem com a função social de devolver para a sociedade aquilo que produz através da extensão e enfatizamos que não existe barbúrdia nesses espaços. Apresentamos um vídeo denominado “Em defesa da Universidade Federal pública, gratuita e de qualidade” para divulgar um pouco sobre aquilo que é produzido pelas universidades, o significado dessas instituições públicas, gratuitas e de qualidade na vida de milhares de estudantes brasileiros, a inclusão de negros, pobres, indígenas, e outras minorias – sociologicamente falando – no ensino superior.

Realizamos uma dinâmica para mostrar a existência das cotas, apresentamos o modelo adotado pela UFJF/MG (Universidade Federal de Juiz de Fora), visto que é a instituição disponível na cidade e por isso mais acessível aos educandos. Organizamos os adolescentes em cinco filas e cada fila representou uma cota, sendo elas (A, A1, B, B1, C, D, D1, E, E1 e F)<sup>5</sup>.

Na dinâmica, ofertamos um passe UF (simbolizando a entrada para a Universidade Federal) para os dois primeiros alunos de cada fila, e para as filas representantes das cotas A e B (com renda familiar de até 1,5 salário) disponibilizamos uma ficha simbolizando o de apoio estudantil. Os alunos que receberam os passes deram um passo à frente e simbolicamente ingressaram na UFJF. Problematicamos com eles a questão da permanência estudantil e esclarecemos que para isso existe a política de apoio estudantil.

---

<sup>5</sup> Estas letras correspondem às cotas destinadas a candidatos pretos, pardos, indígenas, estudantes de escola pública com renda familiar de até 1,5 salário; pessoas com deficiência, ampla concorrência e candidatos surdos (este último exclusivo para o curso de Letras-Libras).

Nessa oficina, problematizamos sobre as diferentes oportunidades colocadas sobre a questão social e sobre o fato de nem todos terem ingressado na universidade, explicamos sobre a importância das cotas, visto que, se tivesse apenas uma fila, o número de estudantes selecionados seria muito inferior. Enfatizamos que a Universidade é feita também para todos, sendo que a grande maioria dos alunos da respectiva escola nunca pisou nos espaços da Universidade e nem imaginava que poderia, desconheciam que a entrada neste espaço é gratuita e livre para o acesso de todos. Nesse aspecto, é interessante pensar como os moradores dos bairros de periferia da cidade desconhecem a UFJF e não usufruem deste espaço. Para alguns, é impossível, impensável, um dia poder estudar lá. Acerca da questão social de acordo com Iamamoto (1998):

Questão Social apreendida como o conjunto das expressões das desigualdades da sociedade capitalista madura, que tem uma raiz comum: a produção social é cada vez mais coletiva, o trabalho torna-se mais amplamente social, enquanto a apropriação dos seus frutos mantém-se privada, monopolizada por uma parte da sociedade (IAMAMOTO, 1998, p. 27).

Menezes (2013) coloca que há, no Brasil, uma espécie de determinação prévia do lugar que o negro deve ocupar, seja na esfera produtiva, geralmente nos trabalhos informais, seja na própria dinâmica das relações sociais, nas várias instituições, em especial a educacional. Consequentemente, a permanência dos negros no sistema educacional continua a ser baixa. Hasenbalg (2005) traz uma contribuição a esse respeito, apontando vários dados acerca da desigualdade educacional entre brancos e negros, colocando que esta estrutura fechada do sistema educacional brasileiro possui longa tradição. Segundo ele, “a cor da pele opera como um elemento que afeta negativamente o desempenho escolar e o tempo de permanência na escola” (HASENBALG, 2005, p. 91). Alguns dados relevantes merecem ser expostos:

No país como um todo, em 1940 os brancos tinham uma possibilidade 3,8 vezes maior de completar a escola primária que os não-brancos; uma possibilidade 9,6 vezes maior de completar a escola secundária; e uma possibilidade 13,7 vezes maior de receber um grau universitário. (HASENBALG, 2005, 193).

Hasenbalg (2005) coloca que vários fatores contribuem nesse processo de desigualdade educacional dos negros e brancos, entre eles, a segregação geográfica, onde um número grande de negros ainda vive em áreas periféricas

do Brasil, em que as oportunidades econômicas, sociais, educacionais são muito menores que nas outras áreas centrais.

Dessa forma, publicizamos ao máximo as possibilidades existentes para o ingresso dos adolescentes. De acordo com a Lei nº 12.711, do total de vagas disponíveis, no mínimo, 50% devem ser destinadas aos candidatos que tenham cursado o ensino médio em escolas públicas. Com relação às vagas destinadas às pessoas com deficiência, o decreto nº 9.034 garante a possibilidade de ingresso desse público. Destacamos também a existência da cota racial para as populações negra (pretos de partos de acordo com o IBGE) e indígenas, esta cota faz parte do rol de ações afirmativas que reconhecem a existência do racismo estrutural no país. Almeida (2018) aponta que as políticas de ações afirmativas têm o objetivo de aumentar a representatividade de minorias raciais e alterar a lógica discriminatória dos processos institucionais.

Destacamos que a participação da turma foi de muita qualidade, que eles interviram e perguntaram bastante. Nas dinâmicas, percebemos que a participação foi intensa. No final de cada oficina, foi realizado um tipo de avaliação e em todas a maioria da turma avaliou como muito bom os encontros.

Queremos aqui destacar que não apenas compartilhamos com eles um pouco do nosso conhecimento, mas, principalmente, aprendemos com a turma, nos aproximamos de suas realidades e percebemos alguns dos rebatimentos da questão social daquele território que perpassa a vida dos adolescentes e de suas famílias.

Para a eficácia de projetos ou programas é imperativo que as políticas setoriais se complementem com a intersetorialidade. Aqui, destacamos a importância da parceria estabelecida entre a Escola e a Unidade de Saúde no território.

## **Bibliografia**

ALMEIDA, SILVIO. **O que é racismo estrutural?**. Belo Horizonte- MG: Letramento, 2018.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2000.

BRASIL; MINISTÉRIO DA SAÚDE; SECRETARIA DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE; SECRETARIA DE ATENÇÃO À SAÚDE. **Política Nacional de**

**Promoção da Saúde** / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde. 3. ed. – Brasília: Ministério da Saúde, 2010.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas emendas constitucionais nos 1/1992 a 99/2017, pelo Decreto legislativo nº 186/2008 e pelas emendas constitucionais de revisão nos 1 a 6/1994. – 53. ed. – Brasília.

CAMARGO, Orson. "Bullying"; **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/bullying.htm>. Acesso em 20 de junho de 2019.

FEUERWERKER, L. M.; COSTA, H. **Intersectorialidade na rede UNIDA**. Divulgação em Saúde para Debate, Rio de Janeiro, n. 22, p. 25-35, dez. 2000. Disponível em :<http://www.saude.gov.br/saude-de-a-z/saude-mental/depressao>. Acesso em: 20 junho.2019.

HASENBALG, Carlos. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2005.

IAMAMOTO, Marilda Villela. **O Serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. São Paulo: Cortez, 2010.

JUNQUEIRA, R. Agendas sociais: desafio da intersectorialidade na construção do desenvolvimento local sustentável. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 6, p. 117-130, 2000.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, Karl; Engels, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MENEZES, Franciane. Repensando a funcionalidade do racismo para o capitalismo no Brasil contemporâneo. Juiz de Fora: In: **Libertas**, 2013.

MAROLA, C.A.G.; Sanches, C.S.M; & Cardoso, L.M (2011). **Formação de conceitos em sexualidade na adolescência e suas influências**. São Paulo. Estudos de Psicologia, 33.

NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. **Economia Política: uma introdução crítica**. São Paulo: Cortez, 2012.